

Textos vencedores da 10ª edição da Parada de Leitura

A PERFEIÇÃO DA IMPERFEIÇÃO

Catarina Almeida Porfírio
(Aluna do curso de Psicologia)

No livro “A coragem de ser imperfeito” de Brené Brown, a autora nos convida a refletir sobre a importância da vulnerabilidade no nosso processo de formação pessoal.

No texto “A perfeição” de Eça de Queiroz, o autor retrata o sofrimento do personagem Ulisses, um herói que se vê obrigado a viver como prisioneiro na ilha perfeita, nos braços da ninfa que o cobre de carinhos. Um lugar onde tudo estava pronto e acabado, onde não havia porquê, nem por quem lutar.

O ponto de conversão entre as duas obras é a beleza da imperfeição.

O homem precisa do mito para se humanizar (desde a Grécia Antiga), assim como precisa do sol para viver. Mas da mesma forma que precisamos nos afastar do sol para não sermos queimados, precisamos manter uma distância regulamentada dos mitos para não sermos consumidos e aniquilados por eles.

A perfeição, etimologicamente falando, é algo que não pode ser alcançada, é irreal, é mito, é utopia.

Logo, se eu andar dez passos na direção da utopia, ela se afastará dez passos de mim. Então, para que ela serve?

Para uns será a mola propulsora, no sentido de fazer a pessoa se manter em movimento, motivada. Para outros será uma escravização, uma busca obstinada de um lugar que não existe.

Ao ler as duas obras, a mensagem que fica é sobre valorizar e enxergar a beleza das intempéries da jornada. É perceber nossa capacidade de superar adversidades que muitas vezes julgamos serem maiores que nós mesmos. É ressignificar o conceito de herói, e não interpretá-lo apenas em sua visão simplista daquele que sempre vence. É ampliar nosso olhar e compreender que herói é aquele que mesmo tendo sido vencido várias vezes, segue em pé na arena, orgulhoso do seu processo.

Ser herói é mostrar que a imperfeição é o que mais nos aproxima da perfeição, por mais paradoxal que possa parecer.

BUSCA PELO PERFEITO

Tatiane de Rezende Cesário
(Aluna do curso de Educação Física)

Ao conversar com as pessoas em nossa rotina diária, somos expostos a vários momentos que nos causam certo desconforto. Talvez seja por nos deixarmos expostos mais que o habitual, ou quem sabe, medo de novos eventos, novas descobertas. É justamente sobre essa vulnerabilidade que Brené Brown discorre em sua obra literária.

Passamos muito tempo buscando formas de nos tornar perfeitos, seja no trabalho, em casa, pessoal ou socialmente. O medo de revelar aos outros, nossas fraquezas, e a busca pela perfeição aos olhos de terceiros, passa muitas vezes a ser algo inatingível.

No livro “A coragem de ser imperfeito”, Brené Brown nos mostra que tentamos a todo momentos esconder quem somos e buscar a aceitação das pessoas que admiramos, tanto as que convivemos, quanto as que somente acompanhamos por meio das mídias sociais. Entretanto, quando retiramos a cobertura do nosso “eu” interior, temos a sensação de estarmos despidos à frente de uma plateia vestida.

Diferentemente de Brown, Eça de Queiroz retrata Ulisses, um ser vulnerável, preso por anos na ilha de Ogígia, onde tudo é simplesmente perfeito, porém monótono. Não havia ali nada que o personagem já não houvesse visto nos dias passados, nenhuma flor murcha, nenhum odor desagradável ou algum animal morto. Toda essa perfeição, todavia, desagradava-o, visto que gostaria de voltar aos braços da mulher amada e contar sobre seu dia, as lutas que travou e os contratemplos que teve na jornada.

Conclui-se que, a perfeição pode ser algo inalcançável e que, se conquistada, pode ser tornar algo tedioso, onde tudo fica previsível e sem sentido. Ao nos tornarmos invulneráveis, perdemos a graça de aprender com nossos erros ou de buscar corrigir nossas falhas, ou seja, de encontrar até mesmo um pouco de diversão na delícia de ser quem somos.